

PERFEITAS MEMÓRIAS, MEMÓRIA PERFEITA

RESUMO: Nos estudos literários, a memória nas suas articulações com literatura, invenção, experiência, ficção e realidade, é tema recorrente. Assim, o objetivo deste trabalho é analisar o conceito de memória perfeita e tentar aplicá-lo numa narrativa ficcional. Tal análise será feita a partir de textos dos livros: *Perfeitas memórias: literatura, experiência e invenção*; *Flores da escrivainha* e do posfácio do livro *Invenção e memória* de Lygia Fagundes Telles. Analisando a relação entre literatura, memória, experiência e invenção, concluindo-se que a literatura, enquanto narrativa ficcional origina-se das lembranças decorrentes de experiências dos próprios narradores ou de outros e/ou inventadas a partir da imaginação, mas sempre partindo do mundo real. Real esse inapreensível, por essência, sempre insatisfatório, independente da época, pela própria entrada dos humanos no mundo, colocados em situação de dependência e desamparo. A literatura figura como uma das formas de reagir a essa insatisfação, enquanto invenção e transformação do real, criando imagináveis possíveis, completando ou denunciando a falta, procurando a construção da memória perfeita na forma de narrar as experiências ou lembranças do que foi visto, vivido, ouvido, sentido ou pensado. Forma de lembrar da vida, buscando a verdade e sua função na vida, sem se preocupar em transmitir ensinamentos nem em reproduzir literalmente os fatos, mas em compreender o percurso do escritor na sociedade, sua verdade subjetiva, enquanto representação do pensamento individual e coletivo dentro de um determinado contexto.

Palavras-chave: Memória; Literatura; Experiência; Invenção.

Nos estudos da teoria literária, a memória é tema recorrente nas suas articulações com literatura, invenção, experiência, ficção, realidade. Tais articulações serão aqui abordadas a partir de textos dos livros: *Perfeitas memórias: literatura, experiência e invenção*; *Flores da escrivainha* e do posfácio do livro *Invenção e memória* de Lygia Fagundes Telles.

Assim, o objetivo deste trabalho é analisar o conceito de memória perfeita e tentar aplicá-lo numa narrativa ficcional. O interesse nesse tema surgiu a partir de um questionamento feito numa aula da disciplina Tópicos de Teoria e Crítica Literária, do mestrado em Literatura e Diversidade Cultural da UEFS sobre a diferença entre a expressão “perfeitas memórias” e “memória perfeita”: qual o significado dessa mudança do adjetivo “perfeita(s)” de antes para depois do substantivo “memória(s)”? “A essa questão foi acrescida outras: porque a expressão “Perfeitas memórias” não é precedida de artigo e “a memória perfeita” é”? E porque uma expressão está no singular e outra no plural?

Serão tratados os dois primeiros capítulos do livro *Perfeitas memórias: literatura, experiência e invenção*. Destes capítulos, onde o autor desenvolve gradativamente o conceito de memória perfeita, serão extraídos elementos que sirvam de base para a compreensão do conceito. No primeiro capítulo, que leva o mesmo título do livro, o autor dedica-se a trabalhar as relações da literatura com a lembrança, experiência, invenção e morte e no segundo,

intitulado *Narrativa ficcional: a memória perfeita*, faz equivaler narrativa ficcional e a memória perfeita.

Do capítulo intitulado “A criação literária” do segundo livro citado, serão retiradas considerações sobre a relação da literatura com o real, possibilitando uma articulação com os conceito de memória perfeita, experiência e invenção, contribuindo para uma melhor compreensão.

Finalmente, para exercitar a articulação entre teoria literária e narrativa ficcional, será utilizado o posfácio do livro *Invenção e memória* de Lygia Fagundes Telles, no qual Ana Maria Machado comenta os escritos da autora sobre uma *suposta* (grifo nosso) lembrança.

O título *Perfeitas memórias: literatura, experiência e invenção* já suscita uma questão sobre a colocação do adjetivo “perfeitas” antes do substantivo “memórias” seguido pelo “sinal de dois pontos (:).” Poderia ser entendido que perfeitas memórias são a conjunção dos três termos? Que perfeitas memórias resultam da combinação de literatura, experiência e invenção? Seguindo pensando nos títulos, aparece no segundo capítulo *Narrativa ficcional: a memória perfeita*. Aqui ocorre a mudança da posição do adjetivo “perfeitas” para depois do substantivo “memórias” sugerindo uma equivalência entre narrativa ficcional e a memória perfeita. Lá sem um artigo precedendo a expressão, aqui com o artigo feminino singular (“a memória).” Lá teoria, aqui modo de fazer? A expressão “perfeitas memórias” alude ao universal, inespecífico, enquanto que “a memória perfeita” se dirige ao singular, a cada narrativa ficcional criada a partir da conjugação entre recordação, experiência e invenção.

Essa é a hipótese proposta para responder a pergunta que motivou o trabalho e que será desenvolvida no decorrer do mesmo. Seguiremos as pistas deixadas pelo autor para ver onde conseguiremos chegar em busca de compreensão.

Logo no prefácio do livro *Perfeitas memórias: literatura, experiência e invenção*, Regina Zilberman observa que o autor atribui qualidade de excelência à memória, qualificando-a de “perfeita” enquanto se articula com duas inclinações da mente humana que se unem e se completam na criação literária – a capacidade de recordar que alimenta a capacidade de narrar: o homem narra o que viu ou o que viveu. A narrativa, portanto, se faz no pretérito, indicando que “a narrativa se alimenta da experiência armazenada pela memória no tempo”. (PINHO, 2011, p.15)

Seguindo passo a passo as elaborações possíveis, podemos pensar então que uma das formas de pensar a memória perfeita articula-se com a narração que dela é feita? Se narrada, a memória passa a adquirir consistência real, coletiviza-se e, de alguma forma, se eterniza porque foi registrada na narrativa. Assim, para pensar a relação entre memória, esquecimento

e morte e se aproximar do conceito de “memória perfeita”, aqui apresentado, Pinho (2011, p.22) lembra Harald Weinrich e considera que “A memória, então, teria o poder de ludibriar a morte, fazendo com que o indivíduo, transformado em coletivo, pudesse sobreviver ao arbítrio do tempo”.

O autor esclarece que o que motivaria uma boa parte do que denomina de “memória perfeita”, seria a “capacidade de lembrar da própria vida, para ver a verdade ou compreender o seu percurso na sociedade, no mundo”. (PINHO, 2011, p. 22)

Lembrar da própria vida para ver a verdade. Qual verdade? Sobre isso, o autor comenta adiante: “Desde que estamos pensando em palavras, existe a memória ficcional”. Podemos entender dessa colocação que tudo que é lembrado e narrado do vivido, do visto e do pensado se transmuta do real para o simbólico e adquire estatuto de ficção, pela impossibilidade de uma equivalência total entre a experiência em si e a sua representação através do signo lingüístico? Podemos concluir que esta modalidade de memória, a memória ficcional, é a que mais se aproxima da memória perfeita, justo por não estar preocupada com a reprodução literal dos fatos, mas com a compreensão do percurso do escritor na sociedade?. Narrar as recordações não por puro saudosismo ou nostalgia, mas para daí extrair compreensão sobre o seu papel de testemunha da história, de porta-voz de uma época.

Para além das verdades humanas e universais, o texto aponta a possibilidade de uma pessoa poder processar a literatura e retirar dela lições para uma verdade pessoal e sólida, ainda que a literatura pense na narrativa como atividade em si, sem a preocupação de portar saberes ou conselhos.

No segundo capítulo do livro, cujo título já foi mencionado, Pinho estabelece que a narrativa ficcional para caracterizar uma memória perfeita precisa conjugar dois aspectos: a narrativa como experiência e a narrativa como elucidação dos problemas da modernidade, dando continuidade ao pensamento que estava sendo desenvolvido.

Retomando Benjamin, naquilo que ele trata sobre a perda da experiência oral para escrita, no texto *O narrador-considerações sobre a obra de Nicolai Leskov*, o autor considera que, apesar de Benjamin lamentar o deslocamento da narrativa oral para a narrativa escrita, atribuindo autoridade ao narrador tradicional que se mantinha atrelado à *verdade do real*, (grifo nosso) é preciso levar em conta que o mundo moderno se constrói em crise e dela se alimenta e que a experiência perdida diz respeito a uma classe hegemônica dirigida para poucos, sem contemplar o universal. O nosso grifo advém do elo estabelecido com o conceito de memória ficcional proposto pelo autor e compreendido como aquela que mais se aproxima da memória perfeita.

Assim, entende-se que, se por um lado, com o deslocamento da narrativa oral para a linguagem escrita, perdeu-se muito da experiência de uma determinada classe, dirigida para um pequeno público, por outro lado, a narrativa escrita tecida como memória perfeita, “levando a cabo a experiência da vida, organizada por uma técnica de execução, afinada com o mundo moderno fragmentado e desiludido com as conquistas tecnológicas[...]” (PINHO, 2011, p. 33) alcança aquilo que há de mais valorizado nos projetos civilizatórios: “as suas verdades e convicções” (PINHO, 2011, p. 34).

Introduz aqui, a discussão sobre a tessitura da narrativa escrita, articulada com os conceitos de verdade, real e memória. Nesse sentido, a autora Leyla Perrone-Moisés no texto *A criação do texto literário*, inicia problematizando o título do próprio trabalho, no que se refere à palavra *criação* e se pergunta se não seria mais indicado usar, em seu lugar, invenção, produção, representação ou expressão. Considera que todas essas palavras que se usa tentando captar o fazer literário estão desgastadas e que se pode usar qualquer uma delas desde que se explicita o modo como se está retomando. Apesar dessa colocação, serão aqui tratadas as considerações levantadas sobre as palavras invenção e representação. Invenção porque é a forma usada no título do livro *Perfeitas memórias: literatura, experiência e invenção* de Adeílato Manoel Pinho, aqui utilizado como principal referência, e a palavra representação, pelo que ela coaduna com o conceito de mimese, proposto por Aristóteles, presente nos fundamentos filosóficos da teoria literária e sobre o qual o texto se desenvolverá a seguir, discutindo a relação da literatura com o real, articulada com o conceito de memória perfeita.

A autora considera que inventar é criar algo novo, mas sem caráter divino, nem absoluto ou definitivo. Circunscrita no tempo, uma invenção será sempre substituída por outra. “Inventar é usar o engenho humano, é interferir localizadamente no conjunto dos artefatos de que o homem dispõe para tornar sua vida mais rica e mais interessante” (Perrone-Moisés, 1990, p.100). Do ponto de vista de um sistema de Verdade, tem uma conotação pejorativa relacionada com a mentira. Diz-se que uma coisa inventada é uma mentira. O escritor inventor rechaça as verdades absolutas e a estabilidade dos valores. Observamos uma confluência de opiniões entre os dois autores até aqui discutidos, no que se refere à relação da invenção com a verdade ou a mentira; ambos afirmam a face de verdade que há na invenção, para além da objetividade do real, mas representativa da subjetividade humana e da impossibilidade de a linguagem traduzir fielmente a realidade.

Em seguida, Perrone-Moisés considera que a palavra representação implica numa visão do real e numa imitação que, ainda que seja uma transformação, tem o mundo como ponto de partida. Sobre a relação da literatura com o real, a autora afirma a descrença na

possibilidade de a linguagem representar um real prévio e esclarece: “A literatura parte de um real que pretende dizer, falha sempre ao dizê-lo, mas ao falhar diz outra coisa, desvendando um mundo mais real do que aquele que pretendia dizer”. (PERRONE, 1990, p. 102).

Essa afirmação relacionada com o texto anterior no que se refere à memória perfeita sugere que, mesmo o narrador tradicional ao contar as experiências, necessariamente afastava-se do real, ficcionalizando-as. E, o que é mais importante na medida em que nos aproxima do conceito de memória perfeita que se busca construir na narrativa ficcional: a literatura, pretendendo dizer de um real, do qual ela parte, falha e diz outra coisa e essa outra coisa que a literatura diz, desvenda um mundo mais real do que o que pretendia dizer, para além da tentativa de representar um real previamente existente.

A autora segue comentando o conceito de falta na literatura e acrescenta que no nascedouro da literatura há duas faltas: uma falta experimentada sentida no mundo físico, real, que se caracteriza como insatisfatório; constatação que se dá desde cedo, desde o primeiro esforço para respirar, o primeiro choro, o afastamento da mãe, o mal estar do corpo que depende de cuidados externos. E a segunda falta, resultante desse descontentamento primitivo decorrente do estar no mundo que se acentua pela vida afora, somando-se às especulações racionais sobre como as coisas deveriam ser. A falta estrutural que nos constitui é, portanto, referente ao furo que há na linguagem, pela impossibilidade de representar completamente o real, essencialmente inapreensível.

A autora exemplifica falas de personagens literários que referem essa insatisfação do mundo, independente do século no qual eles foram representados e aponta para algumas formas de reagir à insatisfação: a religião, a ação social e a imaginação, sobre a qual tecerá algumas considerações. Usando a imaginação, através da prática literária, podemos reconstruir o mundo pelas palavras. O que não significa que a literatura seja sempre compensatória das falhas do real nem que as narrativas e poemas apresentem um mundo mais belo e melhor do que o mundo real. Especialmente na literatura contemporânea há obras nas quais se lê mais explicitamente a insatisfação causada pela falta. Nesse caso, se pergunta em que seria útil o uso da imaginação como forma de reagir à insatisfação causada pela falta e esclarece: “Inventar um mundo mais pleno ou evidenciar as lacunas desse em que vivemos são duas maneiras de reclamar da falta [...] Assim, dizer as coisas é aceitar perdê-las, distanciá-las e até mesmo anulá-las”.

A literatura, usando a linguagem como forma de representar o mundo, falha em fazê-lo, não o faz fielmente, uma vez que uma história narrada, mesmo que tenha realmente

ocorrido, é sempre reinventada. Ao se contar uma história, sempre será acrescentado algo que faltava no real ou será omitido da história algum dado do real.

Neste sentido, a autora lembra que Aristóteles defendia não a veracidade, mas a verossimilhança, afirmando que o poeta não tem que narrar o que aconteceu, mas representar o que poderia ter acontecido, na perspectiva do imaginável possível. “Assim, a literatura nunca está afastada do real. Trabalhar o imaginário pela linguagem não é ser capturado pelo imaginário, mas capturar, através do imaginário, verdades do real, que não se dão a ver fora de uma ordem simbólica”. (PERRONE-MOISÈS, 1990, p.109). Dessa maneira, a autora resume as principais ideias do texto: “O mundo deixa a desejar, as palavras estão sempre em falta; a literatura o diz, insistente e plenamente”.

Finalizando as articulações teóricas, comentaremos um breve excerto do posfácio do livro *Invenção e memória* de Lygia Fagundes Telles, no qual Ana Maria Machado tece alguns comentários sobre a obra da autora, indagando sobre o processo de criação literária (TELLES p. 126) e enumera três fontes que originam esse processo: a memória de tudo que foi vivido, visto, lido, aprendido; a observação resultante do olhar atento a tudo que ocorre em volta e, finalmente, a imaginação, aquilo que nunca aconteceu mas que poderia acontecer. (verossimilhança). Acrescenta ainda, um ponto de vista que talvez possamos relacionar com o conceito de memória perfeita: o que importa nessas recordações não é a reconstrução exata, objetiva dos fatos, mas a invenção “que se intromete de modo inesperado, acrescentando novos significados à placidez da rotina”, encantando e inquietando o leitor, que se vê impelido a produzir sentido e refletir sobre as ressonâncias produzidas.

Para ilustrar o cruzamento entre literatura, memória e invenção, trazemos um exemplo destacado no mesmo posfácio referido no parágrafo anterior, sobre uma lembrança/conto de Lygia Fagundes Telles. No livro *Depois daquele estranho chá*, cujos escritos a autora define como fragmentos autobiográficos, ela narra uma conversa com Mario de Andrade, como se fosse uma lembrança realmente vivida, na qual ele contara um episódio que teria ocorrido entre ele e um amigo, numa noite em que passeavam pelas ruas de São Paulo, durante a 2ª guerra: “uma mocinha fardada, toda compenetrada de seus deveres, ordena ao homem que apague o cigarro por causa do blecaute e ameaça prendê-lo”. Já no livro *Invenção e Memória*, escreve um conto no qual a narradora é a “mocinha fardada” que vive a mesma história e seus desdobramentos. Invenção ou memória? O que importa? Pergunta-se Ana Maria Machado (e nós também). E parece responder quando diz, em outra parte do texto (MACHADO, 2009, p.128), referindo à escrita de Lygia:

Sua ação desvenda o que o olhar comum não vê mas a imaginação projeta, dando passagem para que se revele uma nova dimensão, constituída por aquilo que pode não estar ao alcance da visão física – um dos cinco sentidos – mas certamente faz parte da humana busca de infinitos sentidos para a experiência, trazendo a intuição, a perplexidade e o deslumbramento para o âmago do que é vivenciado.

A partir da leitura e reflexões sobre os textos comentados, retoma-se a relação entre literatura, memória, experiência e invenção, concluindo-se que a literatura, enquanto narrativa ficcional origina-se das lembranças decorrentes de experiências dos próprios narradores ou de outros e/ou inventadas a partir da imaginação, mas sempre partindo do mundo real. Real esse inapreensível, por essência, sempre insatisfatório, independente da época, pela própria entrada dos humanos no mundo, colocados em situação de dependência e desamparo. A literatura figura como uma das formas de reagir a essa insatisfação, enquanto invenção e transformação do real, criando imagináveis possíveis, completando ou denunciando a falta, procurando a construção da memória perfeita na forma de narrar as experiências ou lembranças do que foi visto, vivido, ouvido, sentido ou pensado. Lembrar da vida, buscando a verdade e sua função na vida, sem se preocupar em transmitir ensinamentos nem em reproduzir literalmente os fatos, mas em compreender o percurso do escritor na sociedade, sua verdade subjetiva, enquanto representação do pensamento individual e coletivo dentro de um determinado contexto.

Na tentativa de analisar para melhor apreender o conceito de memória perfeita, levanta-se as seguintes elaborações: busca-se uma memória perfeita na medida em que uma recordação é narrada ficcionalmente, pelo que essa memória passa a ser história, eternizando o autor e dando consistência às suas ideias, enquanto narrativa originada de experiências vividas ou de outros, vistas ou ouvidas. Não basta lembrar, é preciso narrar para que a memória se transforme em história, saindo da esfera particular e adquirindo o estatuto de coletivo.

A narrativa ficcional: a memória perfeita. Os dois pontos sugerem equivalência que confirma a elaboração enunciada? A memória perfeita é aquela narrada na ficção pelo que a ficção representa o que falta no real da experiência, criando/inventando um outro real que se aproxima mais das verdades humanas do que o da realidade objetiva do mundo material.

4 REFERÊNCIAS BÁSICAS

MACHADO, Ana Maria. Posfácio. In: TELLES, Lygia Fagundes. Invenção e memória. Edição revista pela autora. São Paulo: Companhia das letras, 2009.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. A criação do texto literário. In: PERRONE-MOISÉS, Leyla. Flores na escrivantina. São Paulo: Companhia das Letras, 2006, p. 100-110.

PINHO, Adeíto Manoel. Perfeitas memórias: Literatura, experiência e invenção. Rio de Janeiro: 7Letras, 2011.